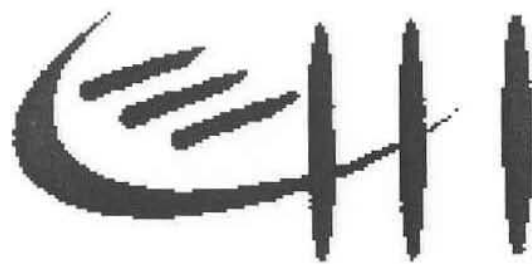


DISCURSOS.
Língua, Cultura e Sociedade

III SÉRIE, Nº 2

**PODER E
POLÍTICA**



Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares

ABRIL 2000

A SEPULTURA DA ROÇA DO CASAL DO MEIO (SESIMBRA) NO QUADRO DOS RITUAIS FUNERÁRIOS DA IDADE DO BRONZE DA BAIXA ESTREMADURA

JOÃO LUÍS CARDOSO

1 - Manifestações funerárias e enquadramento cronológico-cultural

1.1 - O Bronze Inicial

Na Estremadura, podemos identificar três fases sucessivas, definidas arqueologicamente, na Idade do Bronze. O Bronze Inicial, encontra-se representado pelo Horizonte de Montelavar; trata-se de um campaniforme tardio (ou, mais adequadamente, de um epicampaniforme, visto as cerâmicas epónimas características já não ocorrerem). Cronologicamente, pode situar-se no último quartel do III milénio a. C. Do ponto de vista arqueológico, a ocorrência na origem da qual se encontra a referida designação, é uma cista (aparentemente plana), na qual se recolheram duas pontas Palmela e um punhal longo de lingueta. Verificou-se, sobretudo, o aproveitamento de necrópoles colectivas anteriores, designadamente o enterramento em grutas naturais, hipogeus e monumentos megalíticos.

1.2 - O Bronze Pleno

A única ocorrência de um povoado do Bronze Pleno cuja datação se conhece na região em apreço é o de Catujal (Loures). A data obtida, de 3570 ± 45 BP, a qual, depois de calibrada a dois *sigma*, deu o intervalo de 2028-1742 a. C., mostra que, então, o campaniforme já tinha "passado de moda" na Estremadura. Com efeito, as cerâmicas recolhidas demonstram estreitas afinidades com cerâmicas típicas do Bronze I do Sudoeste, Cultura arqueológica correspondente ao Alto e Baixo Alentejo e ao Algarve (CARDOSO & CARREIRA, 1993). As expressões funerárias são pouco visíveis, na Estremadura, em oposição ao verificado a Sul do Tejo. É provável

que se tivessem privilegiado as grutas naturais como necrópoles, seguindo uma tradição regional muito antiga, visto remontar ao próprio Neolítico Antigo. É assim que se podem interpretar as ocorrências de materiais cerâmicos integráveis no Bronze Pleno em diversas cavidades do Maciço Calcário Estremenho; na região em apreço, salientam-se as grutas de Rotura (Setúbal); Fumo (Sesimbra) e Poço Velho (Cascais), entre outras. Os materiais exumados neste sítio evidenciam também estreitas afinidades meridionais: recolheram-se punções losângulos (típicos do Bronze Pleno do "midi francês" em diversas cavidades e vasos com mamilos repuxados na carena (Rotura), com paralelos na necrópole de Atalaia (Ourique), do Bronze I do Sudoeste (SCHUBART, 1965) e na do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz); nesta última, um vaso do tipo referido, continha um punção losângulo (GONÇALVES, 1988/1989).

13 - O Bronze Final

Cronologicamente balizado entre cerca de 1250 a. C. e cerca de 800/750 a. C. na região em apreço, a última etapa da Idade de Bronze pode ser subdividida em dois períodos, diferenciados pelos respectivos espólios. O período mais antigo (Bronze Final I) encontra-se exemplarmente representado pelo povoado aberto de encosta da Tapada da Ajuda (Lisboa). Apesar dos largos milhares de peças cerâmicas ali recolhidas, nenhuma ostentava a característica decoração de "ornatos brunidos". Pode concluir-se que, aquando da sua ocupação, tais cerâmicas ainda não faziam parte dos correspondentes conjuntos arqueológicos. A cronologia da ocupação deste sítio, determinada com base numa média ponderada de cinco datas de radiocarbono indica, com efeito, fase precoce do Bronze Final situável em meados do século XIII a. C. (CARDOSO, 1995). As referidas cerâmicas, ostentando decorações geométricas feitas com ponta romba após cozedura, foram pela primeira vez caracterizadas na Lapa do Fumo (Sesimbra) (SERRÃO, 1958) onde se recuperou importante conjunto, o qual, pela sua especificidade e representatividade à escala regional, justificou designação própria: cerâmicas do tipo "Lapa do Fumo". A abundância de grutas na região estremenha onde depois se identificaram cerâmicas deste tipo, suporta a hipótese de tais locais terem sido utilizados também como santuários rupestres. Dois argumentos concorrem a favor desta hipótese: o facto de dificilmente se poderem correlacionar restos humanos (ossos ou cinzas, na hipótese de sepulturas de incineração) àqueles materiais cerâmicos; e a sabida prática ritual do culto das águas e das divindades aquáticas, na Idade do Bronze (sendo as grutas propícias a tal culto, por frequentemente corresponderem a lugares húmidos).

É ainda a esta última fase do Bronze Final que se reportam diversas jóias auríferas, com destaque, na região em apreço, para o célebre colar da Penha Verde, actualmente no Museu Britânico. Trata-se de peça com mais de 1250 g; o seu

elevado peso, associado a um pequeno diâmetro, faria dela objecto dificilmente funcional. Por isso, foi recentemente interpretada, como outras similares, como um dote feminino (RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, 1995), cuja ocultação se explicaria por práticas funerárias – cuja presença na Penha Verde parece comprovada pela presença de sepultura – ou simbólicas. É curioso assinalar que boa parte destas preciosas peças aparece frequentemente descontextualizada, resultando o seu descobrimento, sobretudo, de trabalhos agrícolas. A este propósito, é curioso referir R. BRADLEY (1990: 122), que assinalou que a tal tipo de ocorrências, na terra, de cariz marcadamente feminino, se contrapunham os achados de armas – elemento masculino – nas águas. Na área em apreço temos exemplo desta realidade, consubstanciada por uma espada, também inserível no fim do Bronze Final, dragada em Cacilhas (Almada).

Verifica-se, pelos exemplos apresentados, diversidade de práticas funerário-simbólicas na região da baixa Estremadura, ao longo do Bronze Final, ainda que representadas por escasso número de ocorrências. As afinidades culturais destas práticas relacionam-se, tradicionalmente, sobretudo com o mundo atlântico. No entanto, a tipologia de algumas peças deixa transparecer influências mediterrâneas: é o caso das próprias cerâmicas de ornatos brunidos, com equivalentes no baixo Guadalquivir e, se quisermos recorrer a exemplo já citado, do próprio colar de Sintra, revelando, pela tipologia, técnicas utilizadas e padrões decorativos respectivos, uma mescla de contributos de origem atlântica e mediterrânea, com nítido predomínio dos primeiros, cuja caracterização não importa desenvolver.

Seja como for, a presença de peças de origem mediterrânea é conhecida, no sul do território português, desde o Bronze Médio: a este propósito, são de referir as contas de colar, de pasta vítrea, recolhidas na necrópole de cistas do Bronze I do Sudoeste de Atalaia, Ourique (SCHUBART, 1965, 1975), situáveis entre 1500 e 1400 a. C., ali chegadas através do comércio mediterrâneo, bem como o caso, ainda mais expressivo, de cerâmicas micénicas encontradas em diversas estações arqueológicas do vale do Guadalquivir (CRUZ, 1992), um pouco mais modernas. É neste contexto que se compreende a presença de um sepulcro de características únicas, na região de Sesimbra, agora reapreciado: trata-se da sepultura da Roça do Casal do Meio, na Quinta de Calhariz.

2 - A sepultura da Roça do Casal do Meio

Exteriormente, trata-se de um *tumulus* delimitado em toda a periferia por ortóstatos de calcário. O montículo artificial seria zonado: a parte superior apresentar-se-ia coberta por blocos, sendo o seu núcleo de terra. Esta realidade passou despercebida aos escavadores, que a interpretaram de outro modo (SPINDLER *et al.*, 1973/1974). A câmara possuía cobertura em falsa cúpula,

constituída por blocos calcários dispostos horizontalmente, como é hábito, revestidos interiormente de uma argamassa argilosa amarela (tipo reboco), conservada parcialmente; a grande quantidade deste material, muito compacto e homogêneo que preenchia o interior da câmara, deixa supor que também a parte superior da cúpula fosse de adobe. O corredor apresenta-se definido lateralmente por ortóstatos, tendo 4,20 m de comprimento, inclinando progressivamente em direcção à câmara, à maneira do *dromos* das *tholoi* micénicas; tal como nestas, apresentava-se selado junto à entrada por um grande bloco (*stomion*) e, na passagem para a câmara, por um amontoado de blocos, visando a sua obstrução; um e outro destes dispositivos de fecho são também conhecidos nas *tholoi* da Idade do Bronze mediterrâneas.

As duas deposições mortuárias encontradas no chão da câmara, pertenciam a dois indivíduos: um, indubitavelmente masculino; o outro, provavelmente, também do mesmo sexo. A sepultura 1 corresponde a um corpo colocado em decúbito dorsal, observando-se mutilação do braço esquerdo devido a violação antiga da câmara; a sepultura 2 é de indivíduo depositado em decúbito lateral, com braços e pernas retraídos, sobre pequena banquetta argilosa, ligeiramente sobre-elevada do chão e um pouco deprimida, encostada à parede da câmara. O espólio ósseo não humano era constituído, pelo menos, por porções de dois carneiros e de duas cabras, ritualmente depostos aos pés de ambos os cadáveres. Esta situação, que não tem paralelo nas *tholoi* calcolíticas da região, encontra, uma vez mais, no mundo micénico, os melhores elementos de comparação (MYLONAS, 1948). Também ali se encontram paralelos para a existência de pequenas banquetas onde os corpos eram depostos, como a observada no presente caso. O espólio arqueológico pôde ser relacionado separadamente com os dois corpos. Assim, ao primeiro, pertencia um pente de marfim, colocado sobre o ombro esquerdo e uma pequena pinça, encontrada junto ao crânio. Ao segundo, reporta-se uma pinça, de maiores dimensões, situada sobre o ombro esquerdo; na região occipital, recolheu-se uma fibula e, na zona pélvica, um agrafe de cinturão. A posição anómala da fibula indica a existência de remeximentos, efectuados provavelmente ainda em época em que o interior da câmara se encontrava não colmatado. Recipientes cerâmicos, destacando-se um vaso bitroncocônico de carena alta muito suave, com decoração de ornatos brunidos na face externa e uma taça de carena alta, completavam o conjunto. Deste, apenas os recipientes aludidos são de produção local ou regional; todos os outros elementos são importados, ou de inspiração exógena. Assim, o pente de marfim é peça de origem norte-africana ou oriental, constituindo um dos raríssimos elementos peninsulares de marfim situáveis entre os marfins argáricos e os fenícios. Os únicos elementos referidos na bibliografia, comparáveis em termos cronológicos, são os braceletes do bronze Final de Peña Negra I, Alicante (GONZÁLEZ-PRATS, 1990). A fibula, que o referido autor situou no século IX a. C. pela tipologia, atribuindo-a a modelo "ad occhio", foi por RUIZ

DELGADO (1989) considerada dentro da morfologia das fibulas de "arco serpeggiante". Este elemento, por vezes erroneamente classificado como uma fibula de cotovelo, afigura-se, com efeito, de importância relevante na cronologia do sepulcro, a qual tinha sido já situada pelos seus escavadores, com base precisamente nesta peça, nos séculos X / inícios do IX a. C. (SPINDLER *et al.*, 1973/74). Esta cronologia é concordante com a opinião de M. RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO (1995), ao considerar que as fibulas sicilianas "ad occhio" ou as suas equivalentes cipriotas de "arco serpeggiante", admitem cronologia dos séculos XI-X a. C. Esta autora e outros, antes dela (BELÈN *et al.*, 1991; ALMAGRO-GORBEA, 1986), admitiram que os dois sepultados, mais do que pertencerem às elites locais (indígenas de alto estatuto social aculturados), deverão corresponder preferencialmente a dois comerciantes de provável origem sarda. Aliás, os contactos com a Sardenha encontram-se documentados por peças rituais, entre as quais os carros de Baiões (SILVA, 1986; COFFYN & SION, 1993), que a autora, muito justamente, invoca, considerando-os imitação sarda de protótipo cipriota. São elementos que nos mostram a penetração, no ocidente atlântico, de influências ao nível da super-estrutura religiosa de cultos orientais, veiculados através do Mediterrâneo central e ocidental, bem como no oceano para além do estreito de Gibraltar, por navegadores e comerciantes, servindo como intermediários de povos situados mais a oriente. Trata-se do período que M. ALMAGRO-GORBEA (1990, 1999) designou, na Andaluzia, como Proto-Orientalizante. Este processo foi, porém, iniciado muito antes, como as peças micénicas supra aludidas demonstram, podendo ser considerado como ensaio exploratório, que antecedeu a presença fenícia directa, só tornada efectiva a partir de inícios do século VIII a. C., pela fundação de estabelecimentos na região do Estreito.

Embora sejam grandes as semelhanças invocadas entre esta sepultura e protótipos micénicos tardios (mas não justificados, cf. GOMES, 1995), a que se juntam as surpreendentes semelhanças dos rituais funerários, agora salientados, a verdade é que tais paralelos - que decorrem sem dúvida de um fundo cultural comum - não podem ser exagerados. Com efeito, as derradeiras sepulturas micénicas do tipo *tholos* não ultrapassam os meados do século XIII A. C. (MYLONAS, 1957) sendo, portanto, muito mais antigas que a cronologia da sepultura da Roça do Casal do Meio a qual, na melhor das hipóteses, é cerca de duzentos anos mais recente. Enfim, a presença de elementos de manufactura indígena vem ilustrar a adopção de produtos locais pelos personagens ali sepultados, do mesmo modo que alguns dos produtos de luxo auríferos - e retoma-se o exemplo do colar da Penha Verde (globalmente considerado jóia do tipo Sagrajas-Berzocana, cf. ENRIQUEZ NAVASCUES, 1991), peça compósita da qual o elemento móvel é feito sobre porção de um bracelete do tipo Villena Estremoz (ARMBRUSTER, 1995) - poderiam constituir presentes políticos feitos às elites por intermediários como os sepultados na Roça do Casal do Meio, no sentido de conseguir a abertura dos ricos jazigos ocidentais de estanho e cobre ao comércio mediterrâneo.



Fig. 1 - Vista geral da sepultura da Roça do Casal do Meio depois de totalmente escavada.



Fig. 2 - Vista do corredor da sepultura, delimitado lateralmente por pequenos ortóstatos, cuja entrada se encontrou selada pelo grande bloco visto ao fundo.

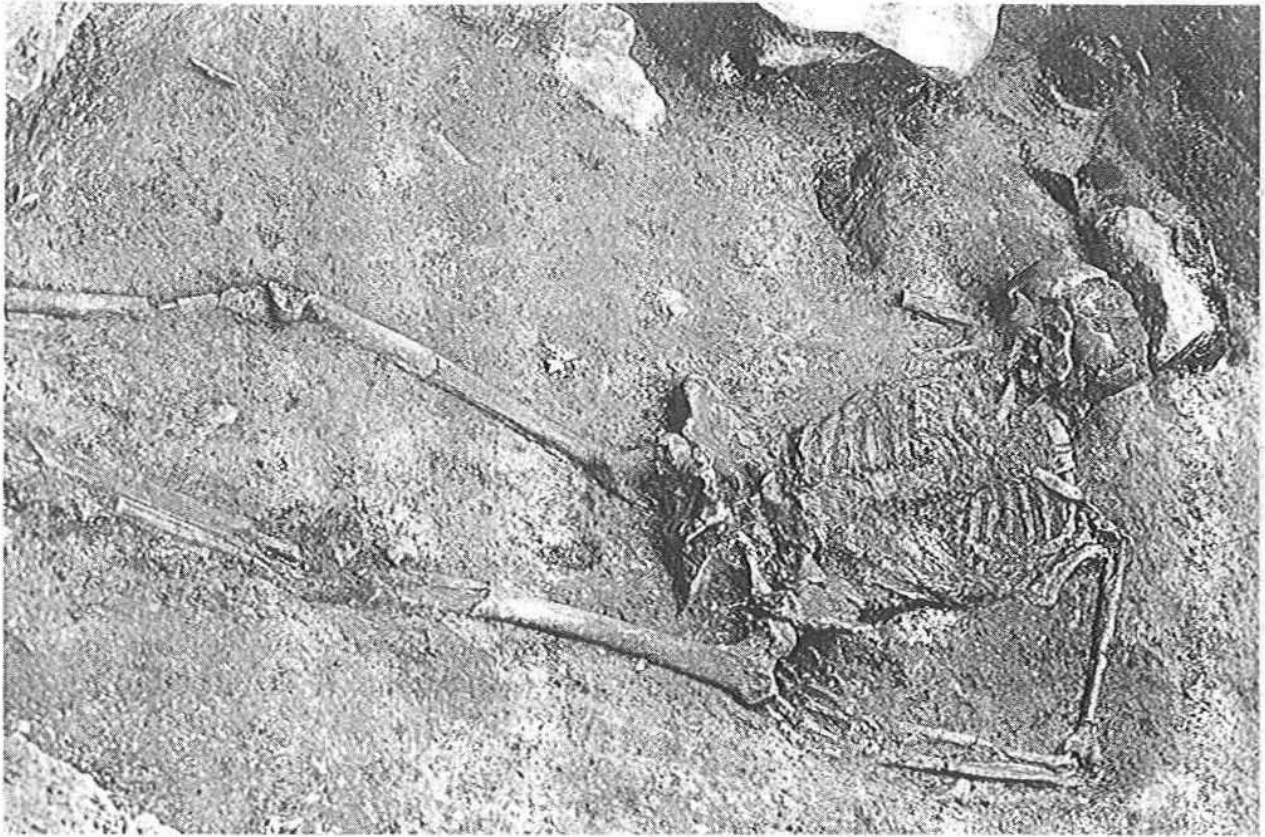


Fig. 3 - Aspecto da sepultura 1, notando-se a mutilação do braço direito do esqueleto devida a antiga violação da câmara do monumento.

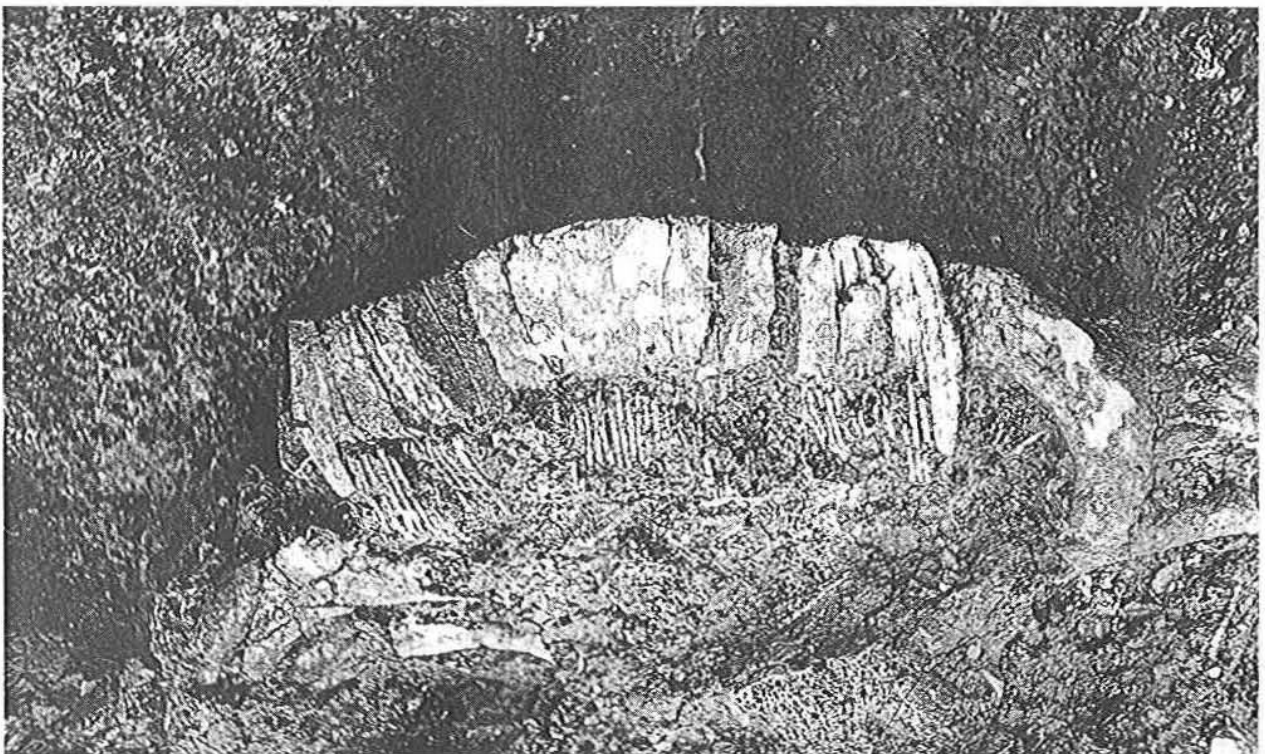


Fig. 4 - Pormenor do pente de marfim associado à sepultura 1, aquando da descoberta.

Bibliografia

- ALMAGRO GORBEA, M. (1986) - Bronce Final y Edad del Hierro. La formación de las Etnias y Culturas prerromanas. In *Historia de España. I - Prehistoria*. Madrid, Gredos, pp. 341-352.
- ALMAGRO GORBEA, M. (1990) - El periodo orientalizante en Extremadura. In *La Cultura Tartésica y Extremadura*. Merida, Museo Nacional de Arte Romano, pp. 85-125.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1998) - "Precolonización" y cambio socio-cultural en el Bronce Atlántico. In *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* (S. Oliveira Jorge, ed.). Lisboa, Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 10), pp. 81-100.
- ARMBRUSTER, B. (1995). O colar de Sintra. In *A Idade do Bronze em Portugal* (S. Oliveira Jorge, ed.). Lisboa, Instituto Português de Museus, p. 105.
- BELÉN M.; ESCACENA, J. L. & BOZZINO, M. I. (1991) - El mundo funerario del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. I - Análisis de la documentación. *Trabajos de Prehistoria*, 48, pp. 225-256.
- BRADLEY, R. J. (1990) - *The passage of arms. An archaeological analysis of hoards and votive deposits*. Cambridge Univ. Press.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O Bronce Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, pp. 33-74.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronce Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Mediterrâneo*, 2, pp. 193-206.
- COFFYN, A. & SION, H. (1993) - Les relations atlanto-méditerranéennes. Eléments pour une révision chronologique du Bronce Final Atlantique. *Mediterrâneo*, 2, pp. 285-310.
- CRUZ, J. C. Martín de la (1992) - La Península Ibérica y el Mediterraneo en el segundo milenio A.C. In *El Mundo Micénico cinco siglos de la primera civilización europea 1600-1100 a. C.* Madrid, Museo Arqueológico Nacional, pp. 110-114.
- DELGADO, M. M. Ruiz (1990) - *Fibulas protohistóricas en el sur de la Península Ibérica*. Sevilla, Universidad de Sevilla.
- ENRIQUEZ NAVASCUES, J. J. (1991) - Apuntes sobre el tesoro del Bronce Final llamado de Valdeobispo. *Trabajos de Prehistoria*, 48, pp. 215-224.
- GONÇALVES, V. S. (1988/1989) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*, N. S., 9/10, pp. 49-61.
- GONZÁLEZ-PRATS, A. (1990) - *Nueva luz sobre la Protohistoria del Sudeste*. Alicante, Caja de Ahorros Provincial.
- GOMES, M. V. (1995) - A sepultura da Roça do Casal do Meio. In *A Idade do Bronze em Portugal discursos de poder* (S. Oliveira Jorge, coord.). Lisboa Instituto Português de Museus, p. 94.
- MYLONAS, G. E. (1947) - Homeric and Micenean Burial Customs. *American Journal of Archaeology*, 52 (1), pp. 56-81.
- MYLONAS, G. E. (1957) - *Ancient Mycenae the capital city of Agamemnon*. London, Routledge & Kegan Paul Ltd.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995) - El significado de la Ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro. In *Ritos de Paso y Puntos de Paso La Ría de Huelva en el mundo del Bronce Final Europeo* (M. Ruiz-Gálvez Priego, ed.). Madrid, Univ. Complutense (Complutum Extra, 5), pp. 129-155.

- SCHUBART, H. (1965) - Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*, 22, pp. 7-136.
- SCHUBART, H. (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Vol. 1 (Text); Vol. 2 (Tafeln). Berlin, Walter de Gruyter & Co.
- SERRÃO, E. da Cunha (1958) - Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos y brunidos. *Zephyrus*, 9 (2), pp. 177-186.
- SILVA, A. C. Ferreira da (1996) - *A Cultura Castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1973/1974) - Le monument à coupole de l'Âge do Bronze Final de la Roça de Casal do Meio (Calhariz). *Comunic. Serv. Geol. Portugal*, 57, pp. 91-153.

(Nota: todas as fotos foram reproduzidas de diapositivos realizados no decurso das escavações dirigidas por K. Spindler e O. da Veiga Ferreira em Novembro de 1992 e pertencentes ao arquivo do segundo, os quais foram doados ao Autor pela Exm^a. Família).